

# Gaiato

12 DE AGOSTO DE 1967

ANO XXIV — N.º 611 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA  
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO  
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO

## A OBRA DA RUA

Soou a hora de darmos a grata notícia. A partida está marcada para 20 de Outubro. Contamos pois, chegar a Lourenço Marques em meados de Novembro, de forma a arrumarmos a casa em ordem ao seu começo oficial na próxima Festa do Santíssimo Nome de Jesus — 2 de Janeiro de 1968.

Não é um passo precipitá-lo, mas arrojado sim. Lourenço Marques será a 14.ª lareira acesa sob os telhados da «Obra da Rua», à distância de milhares de quilómetros da outra mais próxima

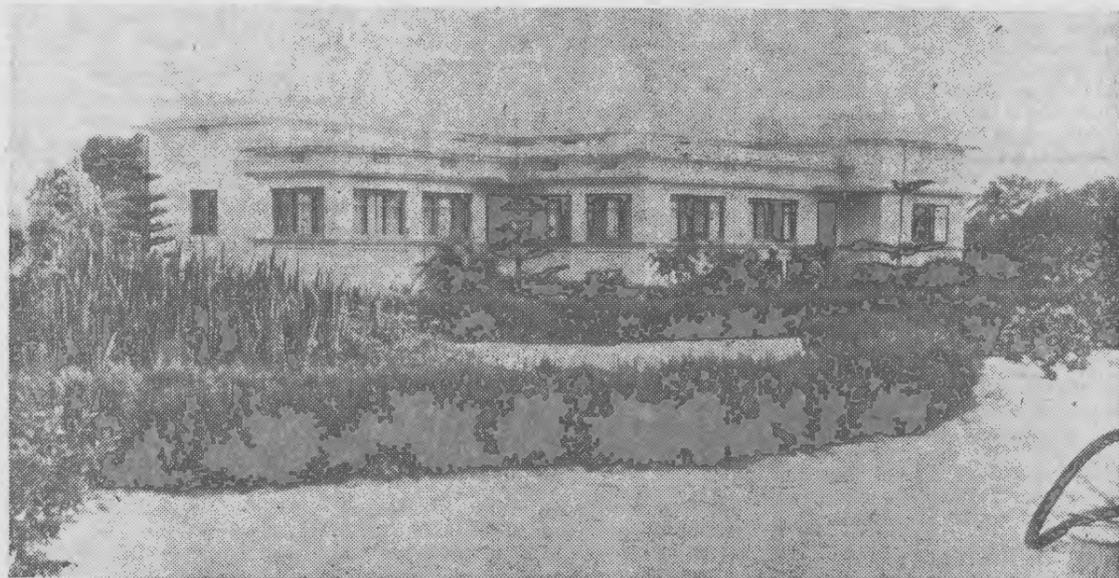
# em Moçambique

e de quantas vezes mais desta Casa Mãe onde estou escrevendo. Os «padres da rua» são nove e só Deus sabe quem tem para lhes acrescentar o número e o tempo em que o fará. Por isso digo arrojado este passo, embora o arrojado tenha por alicerce a Fé; a Fé no Deus que nos chama e nos não abandonará. Só o muito pensar e sentir a urgência de uma presença como a nossa

em terras de Moçambique (onde não há ainda qualquer resposta para os problemas da infância abandonada e delinquente), junto à vontade expressa da Igreja pela voz do Bispo da diocese, tendo como adjuvante a propiciação das condições materiais para a nossa instalação (sem que dêsemos um passo por elas!) — só isto nos decidiu a ir, a ir já, dando a partir do momento da decisão um testemunho de confiança na Providência, de Quem esperamos o pão de cada dia e também quem o parta daquele que o Povo há-de repartir connosco. De Bragança recebemos a promessa de um padre. Aguardamos o nascimento de uma vocação decidida, capaz de afirmar como um dos nove que ora somos o fez no alvorecer do dia do seu sacerdócio: «Quan-

Fachada principal e largo fronteiro da nossa primeira Casa em Moçambique — muito perto de Lourenço Marques.

Cont. na QUARTA pág.



## OVO DE COLOMBO

Quando o presente número do «Famoso» estiver na rua, é de crer que uma parte dos assinantes da nossa Editorial, sobretudo os da letra A (Abílios, Adrianos, Antónios, etc.), haja recebido o almejado Ovo de Colombo!

O serviço não andou tão depressa como queríamos, por nos desdobrarmos em trabalho para dentro e para fora; tão pouco com a perfeição exímia que desejávamos. Todavia, além do valor intrínseco que Pai Américo lhe confere, com a particularidade de haver sido escrito num jacto, sob o tecto da bela casa do Bairro, adjacente à nossa Aldeia, ele é fruto completo da nossa mão d'obra — desde a composição e impressão até ao serviço de encadernação. A reedição do Ovo passou, entre outras, pelas mãos do Resende, Parda, Matateu, Chico, Papilo — os mais velhos; e por um grupo de pequenitos: Celso, Aníbal, Picoto, Toninho, Eusébio, etc. — a malta da lenha, destacada quinzenalmente para a expedição do jornal! Houve asneiras na dobragem das folhas; houve. Porém, essas conferem ao Ovo um valor que seria relativamente muito menor se a perfeição fosse obra só de mãos de mestre — mas: estranhas à comunidade. É obra nossa! Que saíu da pena do Pai e se estendeu à mão dos filhos. É uma obra familiar. Uma obra comunitária. A nossa maior riqueza! A que dá ou deve dar mais frutos.

Para aqueles (Muitos? Poucos? Não somos capazes de prever...) a quem ainda não chegou a sua vez, não resistimos a transcrever o primeiro capítulo do Ovo de Colombo dos nossos dias, como aliás já fizemos em tempos. Sim, dos nossos dias. Tudo quanto

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

# Calvário

Vai para três anos que o processo entrou nos carris da burocracia. Era tempo de ter chegado ao fim. Mas não. Nem sei mesmo, se vai em andamento, se se encontra parado.

Ora, a urgência era de tal ordem, que não tive outro remédio senão mandar abrir a primeira campa do Campo Santo. E atrás desta mais outras trinta e sete, até ao presente momento. Mas, como o processo para a utilização legal do nosso Campo Santo — e digo Santo, porque teve benção episcopal, além da finalidade a que o destinamos — se sumiu não sei em que secretária de que repartição, caí-me em cima outro proces-

so, e de crime, no tribunal desta comarca de Paredes.

Vejam os senhores em que vem a dar a prática das obras de misericórdia! Parece que o mundo já nem quer que enterremos os mortos. Estes doentes são no geral rejeitados pela sociedade, ou pelo menos, tidos em pouca conta por aquela. Hospitais, família, amigos, todos os sacodem do seu meio. Estorvam. Ora, nós vamos por eles do norte ao sul. Pretendemos dar-lhes o que outros lhes negam. Mas não. Parece que nem a sepultura querem que lhes demos. Pobres doentes! Tudo se lhes nega, na vida e na morte!

No Registo Civil levantam-me a mão: — Altq! Não sepulte mais ninguém, que o cemitério é ilegal.

— Muito bem. Então trag-os aqui para os srs. os sepultarem — respondi-lhes. Não quiseram ouvir.

Gostava de ver Pai Américo metido nestas andanças. Deixava correr como eu deixo. E prosseguia como eu tenciono prosseguir: a amar aqueles que os outros não querem amar, para lhes dar aquilo que os outros lhes negam — o leito e a sepultura.

Padre Baptista

# PELAS CASAS DO GAIATO

## CALVÁRIO

**ANO DA FÉ...** — Já terão os leitores tido conhecimento do facto pelos mais variados meios. Pelo menos estamos convencidos de que se não todos, pelo menos uma grande parte saberá porquê tais comemorações. Ora tendo eu o ensejo de escrever estes apontamentos gostaria de acrescentar umas pequenas notas. Muito embora despidas de quaisquer pretensões literárias.

Por tal facto não foi esse dia (29) um dia qualquer. Acresce ainda a circunstância de celebrar-se mais um aniversário da Ordenação Sacerdotal de um homem que acudiu ao chamamento do Senhor da Messe. Cremos que com esse acto de renunciar ao Mundo para ajudar os que carecem de auxílio, quer material ou espiritual, é uma lição para todos aqueles que julgando-se «artistas» em qualquer sector da vida já se consideram no caminho da

felicidade tendo tudo o que precisam deste mundo. Pois não venho revelar que o sr. P. e Baptista é também artista. Mas o seu caminho é tentar imitar o Supremo Artista: Moldar almas de corpos aleijados sem esperança nos remédios mundanos!

Pois assim tem sido nestes anos que se encontra ao serviço da Obra e mais acentuadamente, dos doentes do Calvário.

Não podemos deixar de referir que decorrendo o Ano da Fé nós pomos as nossas recordações num ponto vivo para informar ou melhor recordar aquela data inesquecível principalmente para todos aqueles que, dentro e fora das nossas Casas, puderam acompanhar as circunstâncias que ditaram a passagem de Pai Américo para a Pátria Celestial: 16 de Julho de 1956!

Foi um verdadeiro ano de fé, esse! E bem firme se tornou! Se mais não basta, diremos que no ano seguinte se realizou uns dos últimos grandes anseios do nosso querido Pai Américo: mais precisamente no dia 16 de Julho de 1957 o Calvário começava a sua regeneradora acção em prol dos «es-corraçados» dos meios hospitalares, por serem incuráveis. E de todos aqueles que querem partilhar com eles.

E o Ano da Fé continua este tempo determinado pela Santa Igreja. E a «Obra da Rua» continuará a recordar aos homens, crentes, e descrentes, que vale a pena deixar tudo e trabalhar com fé na promessa dos 100 por 1!!

Manuel Simões

## Setúbal

Cont. da QUARTA página

todas as disciplinas. Quer ser serralheiro. Tem direito. O Joi tem sido um devotado construtor do lar. Fez quinze anos. Pode acaso estar à espera? O Prego é o homem da vacaria. As vacas têm sido a sua vida, o seu encanto, mas começou a desiludi-lo. São os catorze anos. Quer ser serralheiro.

E eu que hei-de fazer? Diz-me?

Padre Acílio

Está  
em  
expedição  
o  
livro

## Ovo de Colombo

Se não é assinante da nossa Editorial, e deseja possuir mais esta obra de Pai Américo, basta fazer o seu pedido de remessa em um simples bilhete postal.



de 2 dias. Quase 3.000. Claro que nos vimos embaraçados porque nunca tínhamos visto tantos pintos nem tínhamos que lhes dar de comer.

Arranjámo-nos da melhor maneira e alguns pintos morreram. Mas não muitos pró que era de esperar.

Tínhamos que arranjar alguma solução para nos livrarmos deles porque estávamos a ter uma grande despesa na alimentação destes insatisfeitos. Por isso, começámos logo a despachá-los para as outras Casas, que também não tinham instalações em condições para os receberem. Por enquanto ainda continuamos com muitos pintos e com muitos problemas e com muito dinheiro a fugir-nos. Por este motivo quero dizer-vos que pretendemos vender pintos e se alguém desejar comprar é só contactar com a Casa do Gaiato do Tojal — Loures. Será um favor que nos fazem, aliviando-nos desta canalhada galinácea.

Mário Fernando

## SETÚBAL

Toda a minha gente diz que os de Setúbal são uns preguiçosos de alta escala, a escrever para o nosso jornal. Segundo alguns, o mal baseia-se na falta de canetas e de papel. Para outros, o mal vem do tempo e da disponibilidade. Qual delas a mais acertada? O certo é que concludentemente as crónicas de Setúbal são escassas.

Nesta ordem de ideias, tomei eu a directriz de escrever uma série de artigos respeitante às manifestações puras e simples da vida da nossa casa de Setúbal e que, aliás, se processam nas das outras restantes. Se a curiosidade é muita, pois aí têm:

● **Pintos** — No Domingo fui com o Rui aos galinheiros. O nosso objectivo era dar umas vistas por estes sítios. Enfim, saudades! Confesso que não esperava a «surpresa». De repente, eis que nos assalta um turbilhão de pintos, vindos de todos os lados. Que beleza! As suas cores ofuscantes e ainda mais tingidas sob os raios escaldantes do sol abrasador daquele dia! Eram às centenas. Por esta altura, andavam a tratar desta numerosa prole, o Alcochete e o Boas. Inquiri da origem da verdadeira ninhada. Foi o Alcochete quem afirmou que pessoas muito nossas amigas, no-los haviam enviado para cima dum milhar, havia alguns dias. No entanto, alguns, devido à inexistência dum ou duns aquecedores morreram. Ao nosso apelo, uma vizinha muito nossa amiga, havia correspondido e cedeu-nos prontamente um aquecedor. Ele lá está! E os pintos lá andam satisfeitos da vida.

E assim pude entrar em contacto com a existência desta enorme quantidade de pintos.

Há poucos dias, chegaram mais. Foi a mesma pessoa que nos havia ofertado os outros. Outra vez para cima dum milhar. Sentimo-nos satisfeitos pois que a todos apetece contemplar a beleza que os pintos ostentam.

Quero, em nome de todos, agradecer por este meio, a grande generosidade que as pessoas do Centro de Avicultura do Montijo, tiveram para connosco.

● **Coelhos** — Já cá tínhamos uma geração bem desenvolvida. Eram perto duns 30. Mas, eis que infelizmente veio a moléstia e eles foram-se quase todos «ao ar». Há alguns vivos, graças a Deus, mas poucos se encontram sãos. Oxalá que se restabeleçam e escapem a essa maldada doença.

Recordo ainda, quanto me apetecia observá-los! Cheguei muitas vezes a dar-lhes as necessárias provisões: arrancava aqui um pedaço de ervas, apanhava acolá folhas de couves e lançava-as a meu belo prazer.

Pela sua beleza e simplicidade, eles conseguiram atrair as atenções dos nossos «Batacinhas». Conclui pelas conversas que travei com dois deles, há tempos. O Zézito, de 5 anos, um pouco contristado, veio expor-me as suas amarguras. Dizia ele: — «Os nossos coelhinhos estavam tão bons há tão pouco tempo e agora estão todos doentes. E se eles morrem?» Eu animei-o e disse-lhe que se curavam todos. Quem dera que assim acontecesse, mas... a realidade é crua e eles vão-se extinguindo a pouco e pouco.

Outro dia, fui encontrar o Tói Zé, de 5 anos, a dar um pedaço de couve aos coelhinhos. Aproximei-me dele com o fito de o repreender por aquela acção, mais para sentir a sua reacção. Repreendi-o. Virou-se então para mim e com um olhar sério e ao mesmo tempo quase lacrimante, replicou-me na sua: — «Olha, olha, então não vês que estou a dar de comer a eles que estão cheios de fome». E pronto, venceu-me. Afastei-me cónscio de ter apanhado um terna e suave lição.

● **Pepe** — É o «nome de guerra» dum dos nossos cães. É o companheiro de jornadas do pachorronto «Leão» (outro dos nossos cães e aliás, os únicos). O certo é que o nosso amigo «Pepe» já faz parte integrante da nossa vida e da nossa comunidade. É tão relevante este seu domínio que, matreiramente, dorme nalgumas camas solitárias dos rapazes, estes que o digam!

«Pepe» veio para nós, quando o Orfanato se nos reuniu, há cerca de 3 anos. É ele que me faz sentir vinculadamente este momento, que devido, na sua maior parte, a tristes factos, se tornou memorável na existência da nossa história. Mas, como ia dizendo, o nosso amigo tornou-se um objecto vivo predilecto de todos. Denota-se este facto. Quando se vai à Praia, o «Pepe» não é esquecido. Nos passeios ou quando os rapazes saem, tantas vezes lá vai ele na camioneta, no meio de todos.

Se, por vezes, o maltratam, não é mais que pura consequência do amor «in extremis» que os rapazes lhe têm. O grande afecto, nestes termos, dá por vezes nisto.

Todos nós temos boas recordações dele.

Rogério

## Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Com o beneplácito e compreensão dos membros responsáveis pela Sociedade de S. Vicente de Paulo, prossegue o trabalho conjunto da nossa Conferência com a feminina, também da paróquia.

Não ousamos tentar um balanço de actividades, a pouco mais de um ano de exercício. Sim, reconhecer a oportunidade, necessidade e conveniência por se haver evitado, assim, **capelinhas** — tão fáceis de surgir em qualquer movimento, somente por fraqueza do homem, dos homens. Neste, como noutros, seria a derrota. O recoveiro dos Pobres, pelo seu trabalho discreto, é por natureza feliz. Discreção e **capelinha** não se dão: são polos opostos. E chocam-se.

A **renovação** principiou com dificuldades. Que bom!! Ai dela se não fosse assim!... Graças a Deus singra lentamente, sem grandes rasgos, é certo, mas singra — no

caminho mais adequado a paróquias do meio rural, sobretudo: vicentinas e vicentinos de mãos dadas — ao serviço dos Pobres.

Em tempos, creio eu, já dissemos haver percorrido a freguesia de lés a lés. Nós e elas. Às portas fechadas — almas e corações na mesma — não invectivámos. Sacudimos a poeira dos sapatos e andámos prá frente. Perdíamos tempo: só temos parte de um dia inteiro livre — o domingo... No entanto, demos graças a Deus, já que o povo correspondeu e cotiza mais de 2.000\$00 por mês.

No fim das Missas dominicais, à porta da igreja e de saca na mão, um par de vicentinos recolhe donativos dos fiéis.

Outra ajuda muito substancial é a constante e perseverante generosidade dos leitores do «Famoso». E que generosidade! Louvemos o Senhor.

Migalhas na mesma caixa. Trabalho comum. Procurar conhecer e amar, comumente, Cristo padecente. Em suma, dar a conhecer, discretamente e, quando for preciso, abertamente, que os Pobres são da Paróquia e devem estar na alma e no coração de todos os paroquianos. Este o nosso trabalho. Ou não seja ela, a paróquia, uma comunidade de fiéis! Como a gente se delicia quando lê e medita na acção dos primeiros cristãos, dos primeiros apóstolos — as primeiras pedras da Igreja!... E com aquela chamada vibrante e activa, de Pai Américo, que empolgou tantos cristãos conscientes, de norte a sul do país, até ao Ultramar! «Cada freguesia cuide dos seus Pobres!»

● **O QUE RECEBEMOS** — De Coimbra, assinante 26658, 10\$00. Horta-Faial, assinante 19205, comparece com 120\$00 «relativos ao 1.º semestre do corrente ano». Que ricos subscritores! E que ricas migalhas!! Mais 70\$00 de um meu velho companheiro na Escola Comercial de Mousinho da Silveira. Como me sinto feliz por estreitarmos os laços na Caridade! Barbosa, aqui vai um xi no Senhor. E que Ele nos ajude. Mais 20\$, agora de Ovar, «para o Pobre mais necessitado da Conferência da nossa Aldeia». Que légenda simpática! Mais, o dobro de Arieiro — Coimbra, da assinante 15595. E, por fim, os costumados 20\$00 de uma funcionária dos C. T. T. U., de Lourenço Marques. É tudo.

Júlio Mendes

## BELÉM

● **UMA VISITA** — Já foi há bastante tempo que cá vieram umas meninas do Liceu. Foi num domingo de manhã; andávamos nós a arrumar a casa, quando elas apareceram, com o Senhor Doutor Vergílio.

Fomos ter com elas ao largo junto da casa. Andámos a brincar com elas, fizemos rodas e no fim cantámos-lhe algumas e elas também nos cantaram algumas.

Trouxeram-nos prendas e no fim andaram a distribuí-las por nós. Deram-nos também alguns livros para lermos.

Quando elas se iam embora cantámos-lhes uma canção por despedida. No fim de se irem embora, viemos para a escola, onde nós trabalhamos e a nossa Mãe andou a fazer distribuição delas.

No meio daqueles brinquedos vinha lá um cartucho de amendoas e a Lindita sem ninguém dar por isso roubou-as. A nossa Mãe deu por falta dele e mandou procurá-lo e todas diziam que nenhuma o tinha. Até que a nossa Mãe veio a descobrir que tinha sido ela. Apanhou uma surra e teve o castigo de ficar sem a prenda que lhe tinha calhado.

Fernanda

Disse aqui, da última vez, que também adentro das próprias Obras há os que queriam mas não podem, enquanto que outros podem mas não querem.

Tenho-me visto a braços com problemas para os quais esta Obra não pode ter ainda solução, dados os seus poucos anos e, sobretudo, a falta de doações incondicionais de pessoas com a cultura, formação moral e preparação pedagógica indispensáveis.

Dentre esses problemas, o das anormais e taradas é o que mais me preocupa e mais entrava o dia a dia desta casa, que não foi aberta para essas; pois necessitam de mais vigilância e não podem gozar de tanta liberdade. Mas, como fazer cumprir, na mesma casa e sem possibilidades de separação alguma, dois regulamentos diferentes e usar várias bitolas, no medir de responsabilidades?

É sempre anti-pedagógica uma tal mistura, mas então com raparigas é de grande risco e melindre.

Note-se que eu nunca pensei excluir as anormais da acção de Belém, pois são estas as que mais necessitam de amparo e assistência, não só para bem delas, mas também da sociedade.

Porém, seria problema para resolver mais tarde, quando

# ★ BELEM ★

houvesse possibilidades de abrir uma casa só para elas. Assim, tenho exigido, para as admissões, atestado de normalidade mental. Mas de pouco valem tais atestados, passados em presença de crianças, depois de lhes serem feitas meia dúzias de perguntas banais. Algumas chegam e logo saltam aos meus olhos de professora sinais de anormalidade. Outras vão-se aguentando até à adolescência, começando então a revelar-se taras herdadas. Que admira, tendo vindo donde vieram?

A impossibilidade de resolver, dentro da Obra, tais problemas, levou-me a tentar procurar solução fora dela, indagando junto de Obras já adultas, com fundos assegurados e casas e mais casas, se haveria alguma destinada às anormais. Até ao presente, ainda nada encontrei. Normais e anormais continuam a ser educadas (ou deseducadas?) em conjunto com os mesmos regulamentos e métodos. As dificuldades que eu aqui tenho, com muito poucas, têm-nos

também essas Obras, mas multiplicadas, na proporção do número de assistidas.

Agora compreendo porque a liberdade tem de ser reduzida, os regulamentos rígidos e a vigilância aturada...

Há tempos levei algumas das minhas a um psiquiatra. Pelos comentários que fez, logo de entrada, vi que era conhecedor do que se passa por esses internatos, tanto particulares como oficiais. Fiquei cheia de curiosidade e com muita pena de que tivesse tanta gente à espera de consulta.

Disse-me: — Vai-se ver aflição para as colocar. Esses internatos, pelo País fora, estão cheios de gente desta. São as indesejáveis de todas as Casas.

— Logo... não há casas próprias para elas...

— Pois não! E podiam ser úteis, em ocupações escolhidas de harmonia com as suas possibilidades, mas ao abrigo de perigos graves, em quinta própria. Mas só o Estado poderia

resolver cabalmente o problema, pois seriam necessárias grandes verbas e pessoal especializado.

— Só o Estado?! Era isso mesmo que eu projectava, em relação às anormais que fôsem dar a Belém.

— Ora — disse com ar de desalento — isso seria gota de água em oceano...

Tive que me dar por despedida, mas vim pensando, pelo caminho, que, se houvesse duas, três, quatro, meia dúzia de Obras a dar ao problema todo o valor que ele tem e se entendessem e unissem para o resolver...

De resto, penso o mesmo em relação a outras dificuldades com que as obras de assistência se debatem, impotentes e fechadas sobre si próprias.

É tempo de se deixarem impregnar do espírito do Vaticano II, abrindo-se ao diálogo.

Mas hoje fiquemos por aqui.

Inês — Belém — Viseu

## ★ TRIBUNA ★ de Coimbra

O Toinito, com seus cinco anos infantis e meigos, venceu, e os «batatas» lá têm estado na praia de Mira radiantes como passarinhos na Primavera.

A floresta densa com as nossas tendas servem-nos de casa acolhedora. Eu tenho dito que não queremos outra vida, tal o ambiente e condições que encontramos. Não incomodamos vizinhos, não sujamos paredes, não necessitamos de encerrar o chão e há sempre espaço para mais um. Está sempre o campo limpo e todo o tempo é para brincar.

O nosso lugar à beira mar é o dos Campistas. Grande parte são estrangeiros. Eu fui encontrar íntimas amizades dos nossos com o Robert. Robert é belga, tem 10 anos e anda na sexta classe. Seus pais conheceram-nos e procuraram que o filho andasse sempre conosco. É uma família toda delicada e ficou dedicada. Robert deu a sua bola de borracha, e os pais trouxeram do Porto um grande embrulho de tabletes de chocolate.

No último dia os nossos quiseram oferecer-lhes um almoço de caldeirada. Foi uma hora de íntimo convívio. À noite voltaram a despedir-se. Robert abraçou todos e chorou. De madrugada, quando passaram junto do nosso acampamento, tocaram levemente o claxon. Era o último sinal de despedida de bons amigos.

Eu estava ausente. Não foi nada comigo. Gostei muito mais assim. Em toda a parte somos uma família. Vivo e dou testemunho da vida e alegria dos rapazes.

Só tive receio que os nossos

tenham desejado ser belgas, pois não estão habituados a receber tanto carinho de famílias portuguesas.

x x x

Veio mais um de Sacavém. Tem nove anos e vivia na rua aos cuidados duma avó que lhe não punha os olhos em cima. Vem profundamente marcado: olhos esbugalhados, corpo tisonado, cara esfomeada, ar parado e triste. Anda na primeira classe e tem aspecto desconfiado.

No primeiro dia deitou-se ao sol à porta da cozinha e não quis comer. De noite fez barulho e logo de manhã partiu a cabeça a um com uma pedrada. Tem andado por toda a parte, metendo o nariz em tudo, e só faz o que muito bem lhe apraz.

Tenho procurado falar-lhe e animá-lo. O chefe dos miúdos tem vindo fazer queixa e eu recomendou-lhe paciência. Hoje já o fui encontrar à padiola a remover aterro. Ainda não conseguimos vê-lo rir, mas o seu aspecto vai animando.

Eu chamava-lhe Sacavém, mas os rapazes vieram dizer-me que ele era o Pêssego e disseram o motivo: Logo no dia em que chegou foi ao pessegueiro dum vizinho encher a barriga de pêssegos. Ele é o Pêssego.

Isto é a Casa do Gaiato.

Padre Horácio

Visado pela

Comissão de Censura

## Aqui Lisboa

Já muita gente nos tem posto o problema. Se, com o decorrer dos tempos e em sinal de progresso social, não deixariam de ser precisas casas como as nossas. Que bom seria, na verdade, atingir um grau de perfeição social onde não houvesse filhos abandonados, sem família, onde todos tivessem o pão-nosso de cada dia e um leito para repousar, para lá de outras necessidades vitais satisfeitas. Não nos parece, porém, por menos pessimistas que queiramos ser, que se nos lembre sequer a hora anunciadora de tal objectivo consumado.

Olhando à nossa volta, o que vemos? O mais refinado desregramento moral, tocando todas as teclas e as várias camadas sociais. Só não enxerga quem não quer. E os problemas que nos dizem respeito são, em mais de noventa por cento dos casos, essencialmente consequência de inobservância das normas, já não dizemos cristãs, mas de mera moral natural. Como prever, pois, o fim de casas do tipo das nossas, se a moralidade parece tornar-se cada vez mais ausente?

Reflectindo melhor e, porque uma Casa do Gaiato não

realiza filantropia nem tão pouco beneficência, no sentido corrente do termo, mas sim de «um apostolado de Caridade incarnado em acção social», temos para nós que, embora sujeito a modificações que os progressos dos tempos imponham, a «Obra da Rua» permanecerá através das idades, por imperiosa necessidade das fraquezas dos homens, uma actividade específica, que «é a evangelização dos Pobres, dos mais caídos e abandonados, nomeadamente a criança sem família ou em perigo moral e o doente incurável». Tudo passa, só a Caridade permanece, no dizer de S. Paulo; e Pobres sempre os teremos conosco, na palavra do Mestre. Seja qual fôr o sentido deste «Pobres», haverá, sempre e até ao fim dos tempos, lugar para o exercício da Caridade. Não falem voluntários, dispostos, para levar aos Irmãos em dificuldade o testemunho autêntico do Amor, já que a onda do egoísmo avança em tom caudaloso e a era tão desejada do paraíso terreal é um mito.

Na progressiva América do Norte, onde tudo se conta aos milhões, Fulton Sheen, apesar de todo o progresso social,

acaba de nomear para a sua diocese um procurador dos Pobres, encarregado de velar pelas «ovelhas» mais desprotegidas e de propor as soluções mais adequadas. É a visão larga dum Pastor que ama as suas «ovelhas», que quer a sua salvação e procura o seu bem estar. Se assim é nos Estados Unidos porque não o mesmo em Portugal, em cada diocese e em cada paróquia? É uma ideia que só pode ser contrariada por uma exclusiva visão social do homem ou para aqueles que, bem instalados e nutridos, julgam o apostolado da Caridade ultrapassado. Honra às Conferências Vicentinas que, à luz do Concílio e em constante renovação, formam um exército de amor por esse mundo fora, deixando as especulações no seu lugar e cumprindo o aforismo latino «non verba sed acta».

x x x

O tempo da praia começou. Na casa da Ericeira temos trinta dos nossos Rapazes, na sua maior parte de tenras idades. É uma alegria para todos e um armazenar de forças de que nem sequer calculamos as consequências. Lidar com eles com carinho, estar atento e solícito aos seus movimentos, tratá-los nas suas necessidades, corrigir os seus defeitos e desvarios é obra de Amor. A mera justiça social não dá força para tal.

Padre Luís



# A Obra da Rua em MOÇAMBIQUE

Continuação da PRIMEIRA pág.

do morrer quero ir para o Céu. Quando for padre, para a «Obra da Rua». Surgida ela temos a certeza de que a boa-vontade do nosso Prelado nordestino não há-de vacilar, mesmo por sobre as necessidades das terras da sua jurisdição, ao lembrar-se das necessidades incontavelmente maiores, de outros nordestes, sejam o brasileiro ou em qualquer latitude e longitude.

Também repetiremos a diligência junto de um Instituto Missionário, de um outro padre, este vocação consciente e experimentada, que numa visão de Igreja à dimensão do Vaticano II, poderia render mais e melhor no posto que lhe fôsse designado nesta Obra que também já é missionária.

De igual sorte iremos pelos Seminários, que nos abrirem as portas espalhar a inquietação do Pobre, «do mais caído, do mais abandonado», o qual não pode ser servido eficazmente senão na

participação da sua pobreza, assumida deliberadamente na nossa vida de padres.

Que o Senhor nos não chame a contas por negligência no recrutamento de soldados para a dilatação do Seu Reino, neste sector dos Pobres, e numa hora em que parece ser Ele mesmo a tocar a rebate, chamando-nos pela voz da Sua Igreja, a terras de missão e de miséria, seja o nosso Ultramar africano, seja aquele outro do lado ocidental do Atlântico Sul, onde se fala a nossa língua e onde nos desejam a colaborar na evangelização dos Pobres.

É pois uma hora alta e feliz esta, em que revivemos as horas semelhantes que prepararam a nossa ida para Angola. Que a sua Irmã do Indico agora marcada também por feridas que a ajudem a amadurecer, nos receba e nos deixe dar-lhe, na comunhão profunda, discreta e eficaz que tem sido a regra à beira do Atlântico.

# OVO DE COLOMBO

Cont. da PRIMEIRA página

ele afirma é mais que actual — actualíssimo!

Bi-lo:

«Já lá vão anos e anos e ainda hoje guardo no peito a minha primeira visita a um turgório, em Coimbra. Era a senhora Amélia, que tinha engomado gerações de estudantes e agora, cega e velhinha, cuidava de três netos de uma filha infeliz, cada um de cada homem e todos eles sem pai!

Encontrámo-nos pela primeira vez na alameda do Jardim Botânico; ela seguia pela mão de uma criança, mãos ocupadas com uma cesta de vime e dentro uma panela de folha. Ia pelo caldo ao hospital militar. De outra maré, foi num banco de pedra. Ela tinha justamente acabado de receber a cesta das mãos de um soldado e agora, sentada mais o seu neto, estava comendo o rancho. Eu sentei-me ao lado sem nada

dizer. O pequeno nada. A senhora Amélia era quem dizia. Dá a colher ao seu pequenino companheiro e insiste. Ateima. Quer que ele coma. Anda meu filho, come! E dos restos comeu ela. Ainda que o não soubesse antes, agora ficava sabendo; era a avó!

O dia declina. Homens e mulheres passam rente, levados à sua vida. A senhora Amélia pede-me uma visita. Inteirado do nome da rua e número da porta, prometi.

Vou. Bato a uma hora em que todos estavam. A porta abre-se. Era um portal! Não há uma janela. Não há esgotos. Não há espaço. São três rapazes. É a pecadora pública. É a engomadeira. Eu não acreditava e mais estava na presença do facto. Não tinham outras dependências. Era aquilo e a renda.

Retirei-me do local mais apertado do que a família. Volvo à minha residência e naquela noite não fui capaz de dormir. Faltava-me o espaço. Faltava-me o ar. A minha inquietação era muito maior do que verdadeiramente a daquele grupo de cinco, por quem me inquietava.

Levanto-me e apoio os braços no peitoril. A janela do meu quarto dizia para o Mondego. As luzes dos jardins repetem-se no espelho das águas. Sombras do choupal dão formas e volume. Ouviam-se rouxinóis ao desafio. Era a paz! Eu, porém, continuava sem ela. Sem paz. Tinha-se apossado de mim uma ideia fixa. Perguntava a mim mesmo, se seria possível a existência de réplicas àquela toca.

Doente como então era, o meu Prelado havia-me dispensado de todas as obrigações, tendo eu tomado esta de visitar Pobres por não servir para mais nada. Colocava Deus no meu caminho pessoas e factos, que haviam de desabrochar mais tarde em uma Obra urgente e inédita — o Ratriónio dos Pobres. São assim os caminhos do Senhor. O que não for por Ele revelado, é para nós mortais, desconhecido. Grande predicado este de Se esconder à maneira que Se nos revela! Bendito Deus em todas as Suas Obras».

Júlio Mendes

## Filhos ilegítimos?

Eu creio já haver dito — e se não tão expressamente, aqui o faço agora — que esta série de artigos (meditações da lei vista pelo prisma da vida) segue, parágrafo a parágrafo, a Introdução a «O Direito da Família no Futuro Código Civil» (2.ª parte), conforme vem publicado no n.º 88 do Boletim do Ministério da Justiça de Julho de 1959.

A esta Introdução tenho eu já chamado memória descritiva e justificativa do ante-projecto da lei sobre a filiação (ligeira deformação profissional!) e é natural que sobre ela me tenha debruçado, uma vez que, pouco afeito à literatura jurídica, dificilmente entendo do articulado da lei e julgo não me afastar da fonte, bebendo da redacção em que o Autor da lei revela o pensamento que a ditou.

Sendo, pois, o nosso método ver pelo prisma da vida, não admirará o enrubescimento que nos causa a pobreza de vida encontrada no espírito da

lei, nem o nosso lamento de que a ciência dos sábios não procure na sabedoria dos simples a contribuição que talvez só ela os lançasse num caminho de incarnação. Nós, como aprendemos de Pai Américo que «as leis, quando não condizem com a LEI, se rasgam», julgamos que para se não trabalhar em vão, será preciso «escrever como quem reza» — e daí que consideremos a Humildade a primeira arma sapiencial ao serviço do Legislador. Este senso de serviço, este senso de salvação subjacente no espírito do que há-de redigir leis, abri-lo-á ao diálogo, à aceitação de universalização do saber que a Universidade só por si não dá. E na linha de pedagogia divina segundo a qual o Verbo Se fez carne, também o verbo que vai ser lei palpitará de vida em vez de se chocar com ela.

Se há trabalho a considerar religiosamente é o do homem que faz leis. Pois que mundo de repercussões não vai surgir daquele texto que será o

critério da Justiça?! Não visa ele, ao escrever, o estabelecimento do Direito?!

«In spiritu humilitatis et in animo contrito» — eis o clima da acção.

Eu não duvido que seja esta a mente do Autor do capítulo da Filiação no novo Código. O que eu julgo é que não é este o sistema de trabalho habitual: Ouvir; ouvir muito; ouvir os especialistas e os homens sensatos que vivem mergulhados na vida, pouco letrados embora.

Se «ex ore infantium...» faz Deus brotar a Verdade — porque não procurá-la também aí, os que não buscam senão a Verdade?!

Esgotada então, quanto possível, a visão de um problema pelo somatório das observações de vários, então sim, o técnico das leis serve o jurista, mais rico agora no seu pensamento pela lição de outras experiências, mais seguro da sua ciência pela prestação da sabedoria de muitos outros.

x x x

Afinal este já vai longo demais para começar o que tencionava escrever. Contamos continuar com o comentário da Introdução citada, o que nós reputamos a nossa pobre mas sincera contribuição para um melhor bem dos homens.

## Setúbal

No dia 16 de Julho como tínhamos anunciado foi a festa da inauguração das Oficinas. Tudo simples. A simplicidade é filha da Verdade. A Verdade, o Caminho e Vida. Nós queremos ser caminho para a Vida. Por isso tudo foi simples. A presença da Igreja foi marcada pelo Vigário do Bispo em nome de Quem trabalhamos e cujo apostolado realizamos. Soube-nos ao embalar materno esta Presença! Que a Igreja nos aceite sempre!

A Autoridade Civil esteve com os nossos Amigos Eng. Pereira Beja, Governador Civil, Dr. Albarran, médico dos nossos olhos por devoção, e presidente da J. Distrital, Dr. Constantino Goes, presidente da Câmara, devotado e discreto amigo desde a primeira hora do ressurgir das nossas oficinas!

Veio também um pequeno grupo de amigos. A Família de fora. Um deles desabafava: «Como me senti triste; só estiveram os de perto!» Sim, só os de coração. Só aqueles para quem a Obra é uma paixão acima e sobre todas as conve-

niências. Os grandes devotos têm de ser deste tipo. De outra forma desanimam. Começam; durante algum tempo aguentam, mas depois, se falta a paixão, voltam ao vulgar dos acontecimentos rotineiros e a Obra não passa para eles de algo de vulgar. São muito poucos os apaixonados em Setúbal.

Eu escrevi: Que não abria a serralaria. Que não tinha máquinas. Que cantaria um hino de acção de graças, com o Joi, o Charrua e o Prego que querem ser serralheiros, se alguém nos desse as máquinas!

Padre Carlos ouviu o meu pregão. Ele sabe como ninguém das minhas aflições e necessidades e mandou-me uma máquina de soldar. Padre Luís ofereceu-nos um torno antigo. Precisava de um broquim, de uma rebarbadora, de uma tesoura. Quem mas dá? Quem levanta o dedo e diz: — Eu vou ajudar. Quem?

Eles estão à espera. O Charrua passou este ano no curso noturno com mais de 16 a

Continua na SEGUNDA pág.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.  
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE